

ROBERTO MACEDO

A bomba é nossa

Fala-se muito da crise que atingiu alguns "tigres" asiáticos, em particular a Tailândia, e dos respingos que poderia ter aqui. Como aquele país, o Brasil tem uma situação externa vulnerável, criada por déficits crescentes na balança comercial. Esta mede o equilíbrio entre as exportações e importações só de mercadorias, como soja e automóveis.

Os déficits são maiores ainda no balanço de transações correntes, que agrega ao resultado da balança comercial a conta de serviços, como fretes e turismo, inclusive os financeiros, como juros e dividendos. Em todos esses itens, o Brasil é típica e fortemente deficitário.

Para 1997 há a expectativa de um déficit na balança comercial entre US\$ 10 bilhões e US\$ 12 bilhões, enquanto o resultado negativo do balanço e transações correntes pode ficar entre US\$ 33 bilhões e US\$ 35 bilhões. São números grandes, mas, como há países de diferentes tamanhos, é costume avaliá-los como porcentagem do respectivo produto interno bruto (PIB). Isso coloca o Brasil na faixa de 3% a 4% do PIB, considerada perigosa, principalmente porque, no caso brasileiro, a correspondente distribuição desse déficit entre os que realizam os gastos revela que ele está associado ao déficit do setor público e a gastos de consumo feitos pela sociedade em geral, muito pouco sendo dirigido à expansão dos investimentos. Estes são o motor da economia, pois geram empregos, salários, lucros, impostos e tudo o mais, mas estão muito baixos. Como porcentagem do mesmo PIB, os investimentos representam hoje cerca de 17%, quando já foram cerca de 50% maiores,



O perigo para o Brasil está na política interna: crises como a da Tailândia seriam só o detonador

alcançando quase 25% do PIB nos períodos de maior crescimento da economia.

Assim, com uma dívida externa ampliada pelos déficits nas suas transações com outros países, com sua economia fragilizada pela fraqueza dos investimentos e, ainda, com sua capacidade de honrar compromissos externos enfraquecida por exportações que vêm crescendo muito pouco relativamente às importações, muitos vêem o Brasil como um alvo potencial de ataques especulativos no mercado financeiro internacional. Isso poderia provocar consequências muito graves se os estrangeiros que nos emprestam dinheiro resolvessem deixar de fazê-lo e se os próprios brasileiros perdessem a crença na sua moeda e desandassem a comprar dólares e outras moedas estrangei-

ras. Uma forte desvalorização do real, com todas as suas nefastas consequências, viria como resultado dessa "corrida".

O que hoje contém esses especuladores, além das reservas cambiais de que o País dispõe, é que há perspectivas, ainda que algo nebulosas, de uma situação financeira do setor público, naquilo que tem de estrutural, se resolver, no médio prazo, com as reformas, as privatizações e tudo o mais. No curto prazo, está sendo mantida sob controle, com o governo, ainda que a duras penas, reduzindo o seu déficit e com o dinheiro das privatizações já realizadas servindo para reduzir sua dívida e, naquela parte em que esse dinheiro vem de fora, contribuindo para fechar as contas externas.

Ainda anteontem este jornal publicou, com merecido destaque na primeira página, notícia de que a dívida pública cairá pela primeira vez em dois anos, como resultado da privatização da Vale. A operação serviu para abater R\$ 1,5 bilhão da dívida com parte do dinheiro do leilão, mais uma

transferência de R\$ 2,5 bilhões de dívidas da empresa, anteriormente contadas como estatais, para o setor privado, onde ela agora se encontra. Notícias como essa significam colírio para os olhos embaçados dos nossos credores externos e contribuem para dissipar o efeito detonador que essa crise da Tailândia e de seus vizinhos poderia ter aqui, se a especulação que lá ocorreu chegasse até nós.

Entretanto, mesmo com as privatizações se estendendo às telecomunicações, ao setor elétrico e, idealmente, até a Petrobrás, seu dinheiro vai acabar. Assim, se questões crônicas, como essas do desequilíbrio do setor público e do fraco crescimento da economia e das exportações, não forem resolvidas, aí, então, a "baleia" brasileira estará ainda mais vulnerável a um *treco* desses que está atacando "tigres" como a Tailândia. Vistas de outra forma, essas questões crônicas são uma bomba para a qual essa crise do outro lado do mundo poderia servir de detonador.

Mesmo acreditando que esse risco hoje não seja tão grave, ele continua pairando no ar e o correto mesmo é desmontar essa bomba, resolvendo nossos problemas com nossas próprias forças, para não dependermos dos outros, e com muito maior rapidez do que aquela com que vimos seguindo nesse difícil caminho das soluções. Só assim poderemos deixar de ficar intranquilos por temer que, nesse mundo financeiro globalizado, a crise de um país tão pequeno e distante como a Tailândia acabe por nos contaminar, o que só ocorrerá por culpa exclusiva de nossa incompetência. A bomba é nossa. Sem ela um detonador como a Tailândia seria irrelevante e não mereceria tantas preocupações.



■ Roberto Macedo, economista formado pela USP, com mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard (EUA), é professor e consultor